



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Sabrina Alves Sabino Da Fonsêca

**DESAFIANDO A PADRONIZAÇÃO:
UMA REFLEXÃO SOBRE RACISMO E BELEZA**

Rio de Janeiro

2023

Sabrina Alves Sabino Da Fonsêca

DESAFIANDO A PADRONIZAÇÃO:
UMA REFLEXÃO SOBRE RACISMO E BELEZA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador(a): Jonathan Ribeiro Farias de Moura

Rio de Janeiro

2023

Sabrina Alves Sabino Da Fonseca

DESAFIANDO A PADRONIZAÇÃO:
UMA REFLEXÃO SOBRE RACISMO E BELEZA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

[Jonathan Ribeiro Farias de Moura]
EPSJV/FIOCRUZ

[Carolina Viana Dantas]
EPSJV/FIOCRUZ

[Ingrid D’Avilla Freire Pereira]
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro
2023

Dedico este trabalho a todos os negros que sofrem ou já sofreram racismo, e a minha linda mãe, uma mulher preta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, irei começar agradecendo a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio, por esses 4 anos de muito aprendizado e lições sobre a vida. Incluindo também todos os professores e servidores, que contribuíram nessa trajetória tão turbulenta, me ajudando a chegar até aqui, e me tornando uma pessoa melhor e mais capacitada.

Agradeço também a Fernanda Bottino, por ter me guiado nesse longo caminho difícil e por ter tido, paciência e compreensão. Obrigado por me apoiar nos dias mais difíceis.

Agradeço ao Jonathan Moura, por me ajudar nesse momento tão delicado, e ter me dado luz no processo.

Agradeço a minha família por nunca desacreditar da minha capacidade, inclusive minha mãe, por todo apoio e carinho comigo. Por sempre erguerem minha cabeça, quando não acreditei em mim. Obrigado por vocês sempre sentirem orgulho da pessoa que estou me tornando. Eu sempre serei grata por esse apoio, amo vocês.

Agradeço aos meus amigos, por estarem do meu lado sempre e nunca me deixarem desistir. Não teria conseguido chegar até aqui sem o apoio de vocês. Sempre terei sorte de ter vocês por perto, amo vocês.

Por fim, agradeço por uma pessoa muito importante para mim, que independente de tudo, sempre acreditou no meu potencial, e nunca soltou a minha mão nesses anos tão difíceis. Sempre ter me guiado para o caminho certo e não ter deixado eu desistir. Obrigado por tanto, sempre serei grata.

*Enquanto a cor de pele for mais importante
que os brilhos nos olhos, haverá guerra.*

- Bob Marley

RESUMO

Este trabalho acadêmico examina criticamente a interseção entre racismo e padrões hegemônicos de beleza, destacando como essas normas perpetuam desigualdades sociais (Fairclough, 2003, 2008). Explorando a influência histórica, cultural e midiática, o estudo analisa como o racismo se manifesta na imposição de padrões estéticos discriminatórios. Além disso, são apresentadas perspectivas de resistência e empoderamento que desafiam essas normas, promovendo uma reflexão profunda sobre a necessidade de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. O objetivo principal deste trabalho é estudar os aspectos das relações étnico-raciais e de gênero social nas representações e identificações de uma pessoa negra no Brasil. Em síntese, este estudo crítico sobre a interseção entre racismo e padrões hegemônicos de beleza evidencia a persistência de desigualdades sociais, destacando a influência histórica, cultural e midiática na imposição de padrões estéticos discriminatórios. Ao abordar as manifestações do racismo, o trabalho também destaca perspectivas de resistência e empoderamento que desafiam tais normas, incitando uma reflexão profunda sobre a urgência de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. O foco na análise das relações étnico-raciais e de gênero social nas representações de uma pessoa negra no Brasil reforça a importância de compreender e enfrentar essas questões para promover uma sociedade mais justa e diversificada.

Palavras-chave: padrões de beleza hegemônicos, racismo, identidade e autoestima negra.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
1.1 JUSTIFICATIVA	11
2. OBJETIVO	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3. METODOLOGIA	14
4. RAIZES DO RACISMO NA ERA COLONIAL	15
4.1 DESENVOLVIMENTO DO CONTEXTO DE RAÇA	15
4.2 EXPANSÃO EUROPEIA E EXPLORAÇÃO DE POVOS INDÍGENAS E AFRICANOS	17
4.3 RACISMO COMO JUSTIFICATIVA PARA SUBJUGAÇÃO	18
5. LEGADO DO COLONIALISMO E ESCRAVIDÃO	20
5.1 MOLDAGEM DE ESTRUTURAS SOCIAIS, ECONÔMICAS E POLÍTICAS	20
5.2 RECONHECIMENTO E COMPREENSÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO ATUAL	21
6. PADRÕES HEGEMÔNICOS E SUA RELAÇÃO COM O RACISMO	22
6.1 SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS PADRÕES DE BELEZA HEGEMÔNICOS	22
6.2 A PERPETUAÇÃO DO RACISMO PELOS PADRÕES HEGEMÔNICOS DE BELEZA	23
6.3 AS NORMAS ESTÉTICAS E SEUS ALVOS	25
7. RACISMO E BELEZA	27
7.1 CONTEXTUALIZAÇÃO NA POPULAÇÃO	27
7.2 EFEITOS DO RACISMO E DOS PADRÕES NA SOCIEDADE	28
7.3 ANÁLISE DE CONSEQUÊNCIA	29
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Os padrões hegemônicos de beleza têm raízes profundas na sociedade, remontando aos séculos passados, quando o colonialismo e a escravidão moldaram a visão estética por meio de uma perspectiva eurocêntrica. As características físicas e fenotípicas dos povos negros foram injustamente rotuladas como "feias", "anormais", "exóticas" e "selvagens", perpetuando um padrão que persiste até hoje. Embora os padrões de beleza hegemônicos tenham evoluído ao longo dos anos, o racismo ainda exerce considerável influência na definição do que é considerado belo em nossa sociedade. O impacto é particularmente significativo para a população negra, resultando em sérias consequências para a saúde física, afetiva e psicológica, especialmente entre os adolescentes que, pressionados por normas inatingíveis, buscam se conformar aos padrões de beleza brancos:

Como se amar, se aceitar e se ver positivamente no espelho se a sociedade te faz se sentir feia e fora dos padrões de beleza? Padrão de beleza este inalcançável por mulheres negras, pois é um padrão branco. Historicamente, o negro foi levado à negação de si: a colonização conseguiu implantar na mentalidade do negro brasileiro o sentimento de inferioridade, alimentando a visão negativa de si, através da imposição de uma cultura colonizadora. A cultura do embranquecimento foi uma ferramenta expressiva no genocídio da estética negra, e as mulheres negras foram as principais atingidas, pois são as que mais sofreram e vêm sofrendo com seus corpos, por causa do racismo (QUEIROZ, 2019, p.217).

A citação de Queiroz (2019) destaca a imposição histórica da cultura do embranquecimento, que alimenta a negação de si entre os negros brasileiros, contribuindo para a visão negativa de si mesmos e afetando a autoestima, em especial das mulheres negras. A desconstrução da estética negra, perpetrado pela cultura colonizadora, é um fenômeno que persiste, impactando a saúde mental e emocional dessa comunidade. Percebemos que as normas sociais, com o ter pele branca, ser magro e ter cabelo liso, influenciam profundamente a vida do

ser humano, especialmente no contexto carioca. Esses padrões exacerbam problemas de saúde física e mental, levando muitas pessoas a modificarem sua aparência e modo de vida para se adequarem a essas expectativas, prejudicando assim sua saúde psicológica.

A análise de Paixão e Lopes (2014) ressalta que a busca incessante por um padrão de beleza ideal é uma prática enraizada nas sociedades ocidentais ao longo da história, moldada pela ideologia do culto ao corpo. No contexto capitalista, o corpo torna-se um bem de consumo, levando a uma aceitação condicionada através de alterações corporais, como tatuagens, piercings, botox e cirurgias plásticas:

Criados e modificados conforme os costumes de cada época, esses padrões de beleza, denominados ideologia do culto ao corpo, encontram-se permeados pela cultura narcísica, que, por sua vez, materializam-se predominantemente pela preocupação do indivíduo com o volume e as formas corporais (VASCONCELO et al, 2004; CASTRO, 2007 apud PAIXÃO E LOPES, 2014).

Diante dos impactos profundos dos padrões de beleza na vida e socialização das pessoas, este trabalho vai discutir as inter-relações entre esses padrões hegemônicos, o racismo e as experiências das pessoas na vida. A interseção entre racismo e padrões de beleza hegemônicos é um campo de estudo crucial para compreender as dinâmicas sociais que moldam percepções de identidade e de valor. Tanto o racismo, quanto os padrões de beleza refletem e perpetuam normas culturais profundamente enraizadas, exercendo influência nas experiências individuais e coletivas de diversos grupos étnicos. (Baldissera, 2022).

De acordo com Schucman (2014), o racismo, como sistema de opressão, estabelece diferenças hierárquicas entre grupos raciais resultando em desigualdades estruturais. Essas desigualdades não se limitam apenas a oportunidades educacionais e econômicas, mas também se estendem ao reino da estética, onde certas características são valorizadas em detrimento de outras.

Ao mesmo tempo, os padrões de beleza hegemônicos são construções sociais que definem o que é considerado esteticamente atraente numa determinada cultura ou época. No

entanto, estes padrões refletem frequentemente uma visão eurocêntrica da beleza, marginalizando as características físicas associadas às minorias étnicas. Como Neuza Santos Souza destaca em seu significativo trabalho *Tornar-se Negro* (1983), a violência racista não necessariamente se manifesta de maneira física no corpo negro. O corpo negro é pejorativamente avaliado em relação ao corpo branco, enfocando principalmente atributos associados à força física (vinculada à habilidade para o trabalho manual) e a uma hipersexualidade quase descontrolada (PINAR, 2008). Souza ressalta que:

(...) é a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. [...] 'O negro é o outro do belo' (SOUZA, 1983, p. 29).

Esta complexa intersecção cria uma situação em que as normas de beleza servem como ferramentas para perpetuar o racismo, resultando na exclusão e alienação de indivíduos que não se enquadram nestes moldes estreitos. A pressão para se conformar a estes padrões afeta, portanto, não só a autoimagem, mas também as oportunidades sociais e profissionais disponíveis para diferentes comunidades. Explorar as interligações entre o racismo e os padrões de beleza hegemônicos é fundamental para desafiar preconceitos arraigados, promover a inclusão e reconhecer a beleza da diversidade. Ao compreender como estes sistemas coexistem e se complementam, podemos trabalhar em prol de uma sociedade mais justa, na qual a autenticidade e a diversidade nas expressões de beleza sejam valorizadas e respeitadas.

1.1 JUSTIFICATIVA

As razões que me impulsionaram a empreender este trabalho têm raízes profundas em minha história pessoal, especialmente no papel desafiador que assumi como adolescente, buscando referências positivas e identificação em meio aos padrões de beleza hegemônicos difundidos na mídia, nas ruas e nas escolas. Escolhi abordar esse tema por ter sentido desde a infância a incômoda sensação de não se enquadrar nos padrões convencionais, sendo uma pessoa

fora dos parâmetros tradicionais de magreza, com cabelos cacheados e pele negra. Essa experiência resultou em diversas formas de violência racial, alimentadas pelos padrões hegemônicos que persistem na sociedade.

Como destacado por Passos (2019), a compreensão das práticas racistas na sociedade brasileira é complexa e tem evoluído ao longo do tempo. Até os anos de 1970, a expressão "preconceito de cor" era mais prevalente do que "racismo", refletindo uma visão que associava a condição econômica à raça. Somente através das lutas de movimentos sociais negros, feministas e classistas é que os direitos da população negra começaram a ganhar espaço na agenda pública e, por conta disso, ser denominado atos racistas que não tocam no preconceito geral, mas com uma ideologia que está na estrutura da construção do Brasil.

Portanto, é de extrema relevância estudar esse tema, especialmente em um país como o Brasil, marcado por sua diversidade racial, mas que ainda sofre com padrões que, devido ao racismo, prejudicam a vida das pessoas. Estamos em um século em que a mídia, especialmente a internet, exerce grande influência, levando os indivíduos a se basearem nos padrões de beleza impostos. Conforme Buss e Stoltz (2020) observam, esses padrões permeiam a sociedade de diversas formas, desde as mídias até as instituições familiares, educacionais e profissionais.

Os padrões de beleza hegemônicos impostos podem impactar negativamente a autoimagem, resultando em problemas de saúde mental e desânimo em relação à vida. O desejo de se adequar a esses padrões, seja no corpo, personalidade ou orientação sexual, pode resultar em depressão e falta de autoconfiança. É um ciclo desafiador de ser quebrado, mesmo diante de conselhos para resistir ao julgamento racista da sociedade.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Discutir as relações entre os padrões hegemônicos de beleza e o racismo.

2.2 Objetivos específicos

- 1) Compreender como a literatura científica tem abordado os temas “padrões de beleza hegemônicos”;
- 2) Expor as principais repercussões dos padrões hegemônicos e racistas de beleza
- 3) Analisar quais as principais consequências na saúde física e mental da população negra, ao tentar se enquadrar nestes padrões.

3. METODOLOGIA

Este trabalho aborda uma metodologia fundamentada na análise qualitativa. Realizou-se uma revisão de literatura, utilizando fontes como Scielo e Google Acadêmico para obter estudos pertinentes sobre o racismo e os padrões de beleza hegemônicos. Os descritores utilizados abrangeram temas como padrões de beleza hegemônicos, racismo e autoestima negra, proporcionando uma base para a análise proposta.

4. RAIZES DO RACISMO NA ERA COLONIAL

4.1 Desenvolvimento do contexto de raça

O contexto histórico da construção da ideia de raça está intrinsecamente ligado à emergência do racismo como sistema de opressão. Durante a era colonial, no auge da expansão europeia, as potências colonizadoras começaram a categorizar a humanidade com base em diferenças físicas percebidas, dando origem ao conceito moderno de raça. (Varella, 2014).

Essa categorização, ainda de acordo com Varella, foi inicialmente motivada pela busca de justificativas para a exploração e escravização de povos indígenas e africanos, levou ao estabelecimento de hierarquias raciais que persistem até os dias de hoje. A ideia de raça foi construída sobre a noção falaciosa de diferenças biológicas substanciais entre grupos humanos, fundamentando a crença na superioridade de determinadas etnias sobre outras.

Durante a expansão europeia, os colonizadores, ávidos por consolidar seu poder, empregaram a ideia de raça para legitimar a subjugação e exploração de povos colonizados. A construção social da raça não apenas serviu como justificativa ideológica para a opressão, mas também moldou percepções culturais, científicas e políticas ao longo do tempo. Além disso, eram criadas justificativas – natural/biológica, social/moral, religiosa e intelectual –, leis e decretos, ou seja, legislações que serviram para interiorizar negros escravizados para a manutenção de uma economia escravista. (Almeida, 2018; Batista, 2018). É crucial compreender que o conceito de raça não tem uma base biológica real, mas é uma construção social que perpetua a desigualdade e a injustiça. Essa estrutura promove estereótipos, preconceitos e discriminação com base na cor da pele, características faciais e origem étnica.

O legado histórico da categorização racial reverbera em diversas áreas, desde as estruturas sociais e econômicas até as normas culturais e os sistemas legais. Reconhecer esse contexto é fundamental para desafiar as persistências do racismo, promovendo uma compreensão

mais profunda das raízes históricas que sustentam as desigualdades raciais contemporâneas (Coutinho, 2000).

Ao descobrir as complexidades da construção social da raça, podemos lançar as bases para questionar e dismantelar sistemas de discriminação, procurando uma sociedade mais justa e equitativa onde a diversidade seja celebrada e noções preconcebidas de superioridade racial sejam confrontadas e superadas.

Neste contexto, existem diversas figuras negras que participaram da luta contra a discriminação racial. Nelson Mandela desempenhou um papel decisivo na luta contra o racismo, especialmente na África do Sul, onde liderou a resistência contra o regime do apartheid. A sua determinação na busca da igualdade e da justiça contribuiu para a mudança política e social no país. Mandela é um símbolo global de resistência pacífica e reconciliação, inspirando movimentos antirracista em todo o mundo. Seu legado enfatiza a importância da determinação e da diplomacia na superação da injustiça racial e serve de exemplo para as gerações futuras (Melo, 2022).

O Brasil também possui uma rica herança de contribuições de figuras negras em diversos campos, apesar dos desafios persistentes do racismo. Da música à literatura, passando pela política e esportes, personalidades negras deixaram uma marca indelével na cultura brasileira. Nomes como Machado de Assis, considerado o maior escritor brasileiro, e Tia Ciata, importante figura na popularização do samba, exemplificam a influência negra nas artes. No âmbito político, Abdias Nascimento e Marielle Franco são exemplos de ativistas que lutaram incansavelmente contra a discriminação racial. Nas arenas esportivas, atletas como Pelé e Marta destacam-se não apenas por suas habilidades excepcionais, mas também por quebrar barreiras e inspirar futuras gerações. Apesar dessas contribuições significativas, o Brasil ainda enfrenta profundas questões relacionadas ao racismo, manifestadas em disparidades socioeconômicas e na representação desigual em várias esferas da sociedade. Reconhecer e valorizar essas referências negras é crucial para promover a igualdade e combater as injustiças derivadas do racismo estrutural (Batista, 2018)

4.2. Expansão Europeia e Exploração de Povos Indígenas e Africanos

A expansão europeia durante os séculos XV a XVII marcou um período de intensa busca por terras, recursos e poder, tendo impactos profundos na história global e nas comunidades indígenas e africanas. Esse processo expansionista foi impulsionado por fatores econômicos, políticos e sociais, culminando em uma era de colonização que deixaria marcas duradouras no panorama mundial (Santos e Menezes, 2006). Como aponta Prado Júnior (1994, p.21) “[...] até o sec. XIV é quase unicamente terrestre, e limitado, por via marítima, a uma mesquinha navegação costeira e de cabotagem.”

Os europeus, ávidos por ampliar suas riquezas e influência, embarcaram em expedições marítimas que resultaram na colonização de vastas regiões nas Américas, África, Ásia e Oceania. Essa expansão, muitas vezes disfarçada sob o pretexto de "descobrimto" e "civilização", revelou-se, na prática, uma busca por novos mercados, recursos naturais e rotas comerciais estratégicas (Cardoso de Oliveira 1989; 2002; 2004). Durante esse período, as populações indígenas nas Américas foram particularmente afetadas. A colonização resultou na imposição do controle político, econômico, social e cultural sobre essas comunidades. O contato com os europeus frequentemente levou à devastação de culturas autóctones, perda de terras e recursos e a propagação de doenças que dizimaram populações inteiras:

O objetivo central do colonialismo, na época do predomínio do capital mercantil, consistia em extorquir valores de uso produzidos pelas economias não-capitalistas dos povos colonizados, com a finalidade de transformá-los em valores de troca no mercado internacional. (Coutinho, 2000, p. 41-42).

Essa citação contextualiza o objetivo central do colonialismo durante a era do capital mercantil. Ela destaca a intenção de extrair valores de uso das economias não-capitalistas dos povos colonizados, convertendo esses valores em mercadorias para o comércio internacional. O autor Coutinho, ao mencionar esses processos econômicos, aponta para a exploração econômica

e a transformação das produções locais em comanditeis destinadas ao mercado global, evidenciando a dinâmica econômica subjacente ao colonialismo nesse período.

Simultaneamente, na África, o continente foi alvo da exploração europeia, principalmente devido ao comércio de escravizados. O estabelecimento do comércio transatlântico de escravizados foi uma das consequências mais nefastas dessa exploração. Milhões de africanos foram capturados, submetidos a condições desumanas durante a travessia do Atlântico e forçados a trabalhar nas plantações e indústrias coloniais nas Américas (Bandeira, 2016).

A exploração de povos indígenas e africanos durante a expansão europeia não apenas moldou as realidades dessas comunidades, mas também deixou um legado profundo nas estruturas sociais, econômicas e políticas que persistem até hoje (Menezes, 2010). A herança desse período inclui a persistência de desigualdades, o impacto duradouro na identidade cultural e a urgência de confrontar as consequências negativas desse capítulo da história global. Compreender essas dinâmicas é essencial para abordar as disparidades presentes e trabalhar em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva.

4.3 Racismo como Justificativa para Subjugação

O racismo como sistema de opressão desempenhou um papel central na justificação da subjugação de grupos étnicos durante a expansão e colonização europeias. À medida que os europeus exploraram e conquistaram terras em todo o mundo, desenvolveram uma ideologia que legitimou o domínio dos povos indígenas e africanos com base em supostas diferenças raciais (Menezes, 2010).

Esta ideologia, intrinsecamente ligada ao conceito emergente de raça, sustentava que certos grupos étnicos eram biologicamente inferiores, e esta visão tornou-se uma justificação moral e intelectual para ações opressivas. O racismo foi uma ferramenta ideológica que permitiu

aos colonialistas europeus não só explorar economicamente os países colonizados, mas também subjugar e desumanizar a população nativa. (Almeida, 2019).

Na América, por exemplo, a ideia de superioridade racial foi usada para legitimar a escravidão de milhões de africanos. Os africanos eram considerados uma "raça" pior, uma visão que dava uma justificção aparentemente lógica para o seu abuso cruel e desumano. Portanto, a escravatura tornou-se não apenas uma prática econômica, mas também um sistema social baseado numa hierarquia racial construída (Prudente, 2010). Além disso, o racismo como justificativo para a submissão também esteve presente na colonização de outros continentes, como África e Ásia, onde as potências europeias reivindicavam um papel civilizador ao forçar a população local sob o seu controle. A ideia de superioridade racial permeia os discursos políticos, científicos e religiosos e contribui para a legitimação das práticas coloniais. (Almeida, 2019).

[...] a escravidão foi bem mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita (Schwarcz, 2019, p. 27-28).

Essa citação destaca que a escravidão transcendeu sua natureza meramente econômica, exercendo uma profunda influência na formação da sociedade. Ela não apenas configurou um sistema de trabalho forçado, mas também moldou comportamentos, estabeleceu desigualdades sociais, tornou a raça e a cor marcadores distintivos fundamentais, instituiu relações de poder e obediência baseadas no paternalismo, e criou uma estrutura social rigidamente hierarquizada. Schwarcz, ao abordar esses aspectos, ressalta a complexidade e a abrangência do impacto social da escravidão, evidenciando como suas ramificações permearam diversos aspectos da vida e da estrutura social.

O legado deste racismo justificado continua a existir nas estruturas sociais, econômicas e políticas das sociedades atuais, dessa forma reconhecer e confrontar estas continuidades é fundamental para avançar em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Compreender o racismo como uma força ideológica é necessário para desafiar normas discriminatórias ultrapassadas baseadas na superioridade racial.

5. LEGADO DO COLONIALISMO E ESCRAVIDÃO

5.1 Moldagem de Estruturas Sociais, Econômicas e Políticas

O colonialismo e a escravidão deixaram uma marca indelével nas estruturas sociais, econômicas e políticas, gerando impactos profundos que ecoam ao longo da história (Santos e Menezes, 2006). Esses períodos foram caracterizados pela expansão imperialista europeia, que redefiniu fronteiras geográficas e introduziu sistemas legais e administrativos nas regiões colonizadas. O legado dessas imposições persiste, perpetuando hierarquias sociais e culturais que contribuíram para a exploração e marginalização.

De acordo com Silva (2018), a era atlântica da escravidão, por sua vez, foi marcada pelo sequestro e forçada migração de milhões de africanos. Essa prática não apenas moldou as estruturas econômicas, baseadas na exploração da mão de obra, mas também justificou sistemas hierárquicos racialmente estratificados, fundamentando discriminações sistêmicas que perduram.

Ambos os fenômenos contribuíram para o estabelecimento de estruturas sociais marcadas por desigualdades duradouras. Classes sociais, castas e sistemas de segregação racial continuam a exercer influência muito após a independência formal de muitas nações colonizadas (Klein, 1987; Reis, 1987; Genovese, 1983).

As economias coloniais foram construídas sobre a exploração de recursos naturais e mão de obra, favorecendo elites locais e resultando em dependência econômica e desigualdades persistentes. As fronteiras arbitrárias e a imposição de sistemas políticos centralizados durante o colonialismo frequentemente geraram conflitos pós-independência e tensões políticas duradouras (Silva, 2018).

Os efeitos desses períodos históricos ressoam até os dias atuais, refletindo-se em desigualdades econômicas, sociais e políticas. Superar esse legado requer um entendimento

crítico e esforços contínuos para promover a equidade e a justiça, reconhecendo e enfrentando as estruturas profundamente enraizadas que moldaram o mundo contemporâneo.

5.2 Reconhecimento e Compreensão do Contexto Histórico Atual

Reconhecer e compreender o atual contexto histórico do racismo é essencial para analisar a dinâmica social atual. O racismo tem raízes profundas na história e manifesta-se em séculos de sistemas de opressão, escravidão, discriminação e segregação racial. No contexto histórico atual, é importante reconhecer a persistência destas estruturas, muitas vezes de forma sutil e institucional. O legado da escravidão, as políticas discriminatórias e a marginalização das comunidades racializadas moldaram as estruturas sociais, econômicas e políticas.

Compreender o racismo contemporâneo requer uma análise crítica das políticas públicas, das práticas institucionais e dos discursos culturais que mantêm a desigualdade. Movimentos ativistas como o Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) enfatizam a importância de combater o racismo sistêmico e ao mesmo tempo promover a justiça e a igualdade racial. Além disso, a contextualização histórica permite-nos compreender a resiliência das comunidades racializadas face aos desafios constantes. Reconhecer as contribuições históricas e culturais destas comunidades é crucial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, desafiando estereótipos e promovendo a valorização da diversidade.

6. PADRÕES HEGEMÔNICOS E SUA RELAÇÃO COM O RACISMO

6.1 Surgimento e Desenvolvimento dos padrões de beleza hegemônicos

Os padrões hegemônicos de beleza são construções sociais que definem o que é considerado esteticamente atraente em uma determinada cultura ou sociedade. O surgimento e desenvolvimento desses padrões refletem uma interação complexa entre fatores históricos, culturais, econômicos e midiáticos, contribuindo para a criação de normas que muitas vezes excluem e marginalizam certas características físicas. Os padrões hegemônicos de beleza têm raízes profundas na história e na cultura. Em diferentes épocas e sociedades, as noções de beleza foram moldadas por fatores como arte, literatura, religião e práticas culturais. O que era considerado belo em uma civilização antiga pode ter diferido significativamente do que é considerado belo hoje, destacando a natureza fluida e culturalmente determinada desses padrões (Semis, 2014).

A ascensão da mídia, especialmente na era contemporânea, também desempenhou um papel significativo na disseminação e reforço dos padrões hegemônicos de beleza (Falcão e Langaro, 2019). A publicidade, revistas, televisão e, mais recentemente, as redes sociais contribuem para a criação de uma imagem idealizada de beleza. A indústria da moda, em particular, tem um impacto profundo ao ditar quais características físicas são consideradas aspiracionais em um determinado momento.

Já a relação entre padrões de beleza hegemônicos e economia é complexa. O consumo de produtos relacionados à estética, como cosméticos e roupas, muitas vezes é impulsionado por ideais de beleza específicos (Benjamin, 2023). A indústria percebe e capitaliza as inseguranças alimentadas por padrões inatingíveis, criando um ciclo em que os padrões de beleza moldam o consumo e vice-versa.

Infelizmente, os padrões hegemônicos de beleza muitas vezes perpetuam normas étnicas e raciais específicas. Em muitas sociedades, características associadas a grupos racialmente

dominantes são celebradas, enquanto outras são desvalorizadas. Isso contribui para a marginalização e exclusão de indivíduos que não se encaixam nessas normas, criando desigualdades sistêmicas.

Movimentos sociais recentes têm desafiado ativamente os padrões hegemônicos de beleza. A diversidade e a inclusão tornaram-se temas centrais, levando a uma maior aceitação de uma variedade de corpos, aparências e identidades. Isso demonstra que os padrões de beleza não são estáticos e podem evoluir em resposta a mudanças sociais e culturais. (Falcão e Langaro, 2019).

Atualmente, há um crescente movimento para desconstruir e desafiar os padrões hegemônicos de beleza. A promoção da aceitação do corpo, a celebração da diversidade e o reconhecimento de que a beleza é subjetiva estão se tornando partes integrantes de narrativas culturais mais inclusivas.

Compreender o surgimento e desenvolvimento desses padrões hegemônicos é essencial para questionar as normas discriminatórias e promover uma representação mais equitativa e respeitosa da diversidade de expressões de beleza em todas as sociedades.

6.2 A Perpetuação do Racismo pelos Padrões Hegemônicos de Beleza

Os padrões hegemônicos de beleza desempenham um papel central na perpetuação do racismo, influenciando as percepções estéticas e consolidando estruturas discriminatórias na sociedade. Essa relação intrincada revela como as normas estéticas podem ser utilizadas como ferramentas de exclusão e marginalização racial. Os padrões de beleza hegemônicos muitas vezes idealizam características associadas à estética eurocêntrica, como pele clara, cabelos lisos e traços faciais específicos. Essa idealização cria um padrão inalcançável para muitos, favorecendo uma visão estreita da beleza que exclui características associadas a grupos racialmente diversos (Falcão e Langaro, 2019).

Esses padrões, ao favorecerem características específicas, contribuem para a discriminação estrutural. Esta se manifesta em várias áreas, incluindo representação na mídia, oportunidades de emprego e acesso a serviços, criando desigualdades sistêmicas que afetam negativamente grupos raciais minoritários (Da Silva e Rosenberg, 2008).

A imposição desses padrões tem impactos psicológicos significativos, especialmente em indivíduos que não se alinham com a norma estabelecida. A internalização desses ideais pode resultar em baixa autoestima, ansiedade e distorção da autoimagem, afetando desproporcionalmente aqueles que enfrentam estereótipos raciais (Almeida, 2019).

Os padrões hegemônicos contribuem para a perpetuação de estereótipos prejudiciais relacionados à beleza e raça negra (Freyre, 2006). Essa associação estreita entre características físicas específicas e valor estético contribui para a criação de narrativas que reforçam visões preconceituosas e simplificadas sobre a beleza de diferentes grupos raciais. Desde os anúncios de antigamente havia seleção eugênica e estética, ainda que perpetuada ao racismo:

Vê-se através dos antigos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, percebe-se a clara preferência por negros e negras altos e de formas atraentes – "bonitas de cara e de corpo" e "com todos os dentes da frente". O que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pagens, mucamas e molécas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com os brancos das casas grandes, as mães dos mulatinhos criados em casa – muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres. (FREYRE, 2006, p.396-397)

Movimentos de resistência buscam desafiar ativamente esses padrões, promovendo uma apreciação mais ampla e inclusiva da beleza. Celebridades e ativistas têm desempenhado papéis significativos ao questionar as normas estabelecidas e promover uma representação mais diversificada. Um exemplo notável de resistência contra padrões de beleza convencionais é a campanha #BodyPositivity, onde indivíduos e celebridades compartilham imagens não retocadas e promovem a aceitação de corpos diversos. Ativistas como Jameela Jamil também têm desafiado padrões de beleza ao questionar práticas prejudiciais na indústria da moda, promovendo uma visão mais inclusiva e realista da beleza. Também movimentos como #BlackGirlMagic destacam a beleza e a diversidade das mulheres negras, desafiando estereótipos

e contribuindo para uma representação mais autêntica na mídia. Além disso, a aceitação de características como cicatrizes, vitiligo e outras "imperfeições" tem sido promovida por meio de iniciativas como #NormalizeNormalBodies, buscando ampliar a definição de beleza além dos padrões tradicionais.

6.3 As Normas Estéticas e seus Alvos

Os padrões hegemônicos de beleza exercem uma influência penetrante, afetando diversos segmentos da sociedade de maneiras complexas e, muitas vezes, prejudiciais. Essas normas estéticas não são apenas moldadoras de percepções individuais, mas também refletem e perpetuam desigualdades sociais profundas (Falcão e Langaro, 2019).

As mulheres frequentemente enfrentam a pressão de se conformar aos padrões de beleza, impactando sua autoestima e identidade. A mídia muitas vezes retrata uma imagem unidimensional da beleza feminina, levando a comparações prejudiciais e contribuindo para a criação de padrões inatingíveis.

Os padrões de beleza hegemônicos muitas vezes favorecem características associadas a grupos étnicos dominantes, marginalizando e estigmatizando características naturais de minorias raciais. Isso contribui para a perpetuação do racismo, afetando a autoimagem e as oportunidades: sociais, educacionais e profissionais. A perpetuação do racismo pode influenciar negativamente a autoimagem e, por consequência, limitar as oportunidades de indivíduos pertencentes a grupos racialmente discriminados. Isso pode se manifestar em obstáculos ao acesso à educação de qualidade, a empregos bem remunerados, a promoções profissionais e a outras áreas da vida em que o preconceito racial pode criar barreiras sistemáticas. Em última análise, a desigualdade resultante dessas limitações de oportunidades contribui para a perpetuação das disparidades socioeconômicas entre diferentes grupos raciais. desses grupos. (Freyre, 2006). O racismo e os padrões de beleza hegemônicos impõem às mulheres negras uma carga adicional de discriminação e pressão social. Historicamente, a sociedade perpetuou estereótipos que associam

a beleza a características eurocêntricas, como cabelos lisos, pele clara e traços faciais específicos, tais como nariz pequeno, lábios pequenos e traços considerados mais finos e delicados. Isso cria uma padronização inalcançável que marginaliza a beleza autêntica da mulher preta.

A imposição desses padrões afeta a autoestima das mulheres negras desde cedo, moldando percepções sobre si mesmas e influenciando a forma como são percebidas pelos outros. A indústria da moda e da mídia, muitas vezes, contribui para essa marginalização, destacando modelos que se encaixam nos estereótipos convencionais de beleza europeu.

A aceitação e promoção da beleza negra envolvem a desconstrução desses padrões, destacando a diversidade de estilos, texturas de cabelo e tons de pele. Movimentos e iniciativas que celebram a beleza negra, valorizando-a em todas as suas formas, são fundamentais para combater essa discriminação sistêmica e promover uma representação mais inclusiva e equitativa.

Os padrões de beleza hegemônicos não se limitam às mulheres; incluem todos os negros; eles afetam idosos, comunidade LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, contribuindo para a marginalização e a exclusão. A pressão para atender a ideais estéticos estreitos perpetua inseguranças generalizadas, impactando a autoestima em diversos grupos. A diversidade de corpos, expressões de gênero e capacidades é frequentemente subestimada, reforçando uma cultura que valoriza a aparência normativa em detrimento da autenticidade. Desconstruir esses padrões é fundamental para promover uma cultura inclusiva, reconhecendo e celebrando a beleza em todas as suas formas e manifestações.

7. RACISMO E BELEZA

7.1 Contextualização na população

Observar como o racismo e os padrões de beleza se contextualizaram na população é essencial para compreender como as pessoas têm abordado esse tema complexo. A conscientização sobre o racismo e suas manifestações nos padrões estéticos tem ganhado destaque, promovendo discussões mais abertas e reflexivas.

Na sociedade contemporânea, tem havido um aumento significativo na sensibilização para as questões relacionadas ao racismo e aos padrões de beleza hegemônicos. Movimentos sociais, mídias sociais e campanhas de conscientização têm desempenhado um papel crucial ao proporcionar plataformas para vozes antes marginalizadas.

A população, de maneira crescente, busca questionar e desafiar os padrões tradicionais de beleza, reconhecendo a diversidade e promovendo uma aceitação mais ampla de diferentes formas, cores e características físicas. A inclusão de debates sobre representatividade étnica e racial em setores como a mídia, publicidade e moda reflete uma mudança gradual na percepção coletiva. No entanto, persistem desafios, e o enfrentamento do racismo e dos padrões de beleza hegemônicos exige uma abordagem contínua e multifacetada. Educação, diálogo aberto e a promoção da valorização da diversidade são ferramentas fundamentais para que a população continue a evoluir na maneira como aborda e enfrenta essas questões sensíveis. Um exemplo notável da eficácia desse método é a crescente representatividade étnica e racial na indústria da moda. Marcas renomadas estão ampliando suas campanhas para incluir modelos de diferentes origens, celebrando a diversidade. Isso não apenas reflete uma mudança positiva na percepção de beleza, mas também influencia diretamente a sociedade, promovendo aceitação e respeito pela pluralidade de formas e cores. Essa abordagem multifacetada, envolvendo educação,

diálogo e promoção da diversidade, contribui para uma transformação significativa nos padrões tradicionais de beleza.

7.2 Efeitos do Racismo e dos Padrões na Sociedade

De acordo com Baldissera (2022), as repercussões do racismo e dos padrões de beleza hegemônicos são vastas e afetam profundamente diversos aspectos da vida das pessoas e da sociedade como um todo. O impacto psicológico do racismo e dos padrões de beleza pode causar danos significativos, contribuindo para baixa autoestima, ansiedade, depressão e distúrbios alimentares. A pressão para se conformar a padrões inatingíveis pode levar a uma constante busca por validação externa. O racismo estrutural contribui para desigualdades sociais em áreas como emprego, educação e acesso a serviços de saúde. Pessoas que enfrentam discriminação racial muitas vezes têm menos oportunidades e enfrentam barreiras para o progresso pessoal e profissional. Os padrões de beleza hegemônicos muitas vezes perpetuam estereótipos prejudiciais, marginalizando grupos étnicos e reforçando ideias preconcebidas sobre aparência e identidade (Segecs, 2020).

A imposição de padrões estéticos específicos pode levar à exclusão social de indivíduos que não se enquadram nesses padrões, resultando em isolamento, discriminação e falta de inclusão em diferentes esferas da vida. O racismo e os padrões de beleza podem moldar a forma como as pessoas percebem sua identidade, levando à supressão da autenticidade e à negação de características culturais específicas. A pressão para atender a determinados padrões de beleza pode levar a comportamentos prejudiciais à saúde, como dietas extremas e procedimentos cosméticos invasivos. Além disso, a exposição constante ao racismo está correlacionada com problemas de saúde mental e física. A falta de representatividade em diferentes setores, como mídia, moda e entretenimento, pode reforçar a marginalização de grupos étnicos, limitando as narrativas e percepções culturais (Segecs, 2020).

Para lidar com essas repercussões, é crucial promover a conscientização, desafiar estereótipos, fomentar a diversidade e trabalhar em direção a uma sociedade mais inclusiva e

justa. Isso envolve esforços coletivos para combater o racismo sistêmico e redefinir os padrões de beleza hegemônicos, reconhecendo e celebrando a riqueza da diversidade humana.

7.3 Análise de Consequências

De acordo com Baldissera (2022), as consequências do racismo e dos padrões de beleza hegemônicos são vastas e permeiam diversos aspectos da sociedade, impactando indivíduos e comunidades de maneira significativa. Desigualdades estruturais resultantes do racismo permeiam áreas cruciais, como emprego, educação e acesso à saúde, gerando disparidades socioeconômicas persistentes entre grupos étnicos. Essas disparidades se estendem à saúde mental, onde a exposição ao racismo associa-se a problemas como estresse crônico, ansiedade e depressão. Além disso, a pressão para atender aos padrões de beleza hegemônicos não apenas afeta a autoimagem, mas também contribui para distúrbios alimentares e baixa autoestima.

O impacto vai além, marginalizando grupos étnicos minoritários e excluindo-os de setores-chave da sociedade, como mídia e entretenimento. A imposição desses padrões estéticos específicos influencia a autoimagem, levando muitas vezes à rejeição das próprias características culturais em busca da conformidade.

Os estereótipos prejudiciais são perpetuados pelos padrões de beleza hegemônicos, reforçando ideias preconcebidas sobre diferentes grupos étnicos. Consequentemente, o racismo pode limitar oportunidades educacionais e profissionais, enquanto os padrões de beleza podem influenciar na seleção e ascensão em diversas carreiras.

Ambos, racismo e padrões de beleza, impõem expectativas sociais, criando pressões para a conformidade e gerando um ambiente onde as pessoas podem se sentir julgadas ou inadequadas. Esses desafios complicam a construção de uma identidade positiva e inclusiva, especialmente para aqueles que não se alinham aos padrões predominantes. Abordar essas consequências exige esforços coletivos para promover a equidade, valorizar a diversidade e desconstruir estereótipos prejudiciais. Promover uma sociedade mais justa e inclusiva demanda

investimentos significativos em educação, onde a valorização da diversidade e a desconstrução de estereótipos são incorporadas no currículo. Além disso, é crucial fomentar representatividade positiva em todas as esferas da sociedade, desde a mídia até as instituições, criando espaços onde as vozes de todos sejam ouvidas. Um diálogo aberto e contínuo sobre racismo, padrões de beleza hegemônicos e suas ramificações é essencial para dismantelar preconceitos arraigados e construir pontes de compreensão entre as diversas experiências culturais. Essas abordagens integradas podem catalisar mudanças sistêmicas, promovendo uma sociedade mais equitativa e verdadeiramente inclusiva. (Baldissera, 2022).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma compreensão profunda da relação entre racismo e padrões de beleza hegemônicos revela uma complexa teia de influências sociais. O estabelecimento destes padrões desempenha um papel importante na manutenção do racismo, que se torna uma ferramenta de exclusão e marginalização para aqueles que não se enquadram num estereótipo estreito. A pressão para se conformar afeta não apenas o estilo pessoal, mas também as oportunidades sociais e profissionais disponíveis para diversas comunidades. Para compreender estas relações, é importante desafiar preconceitos arraigados, promover a inclusão e celebrar a beleza da diversidade. Compreender como estes sistemas coexistem e se influenciam mutuamente é um passo importante na criação de uma sociedade mais justa, onde a verdade é valorizada e respeitada, e diversas expressões de beleza são reconhecidas como iguais. O esforço contínuo para quebrar estes padrões e promover a igualdade é essencial para construir um futuro equilibrado e unificado. Este trabalho buscou criticamente desvendar a complexa interação entre as raízes do racismo, o colonialismo e os padrões hegemônicos de beleza, revelando uma teia intrincada de influências sociais. Ao compreender as origens do racismo, destaquei como esse fenômeno histórico, enraizado no período colonial, moldou e perpetuou normas discriminatórias. O colonialismo, ao impor hierarquias e exploração, contribuiu para a construção de padrões estéticos que se tornaram ferramentas de exclusão e marginalização.

Foi abordado, raízes do racismo e do colonialismo para contextualizar o surgimento desses padrões, evidenciando como o histórico de dominação étnica, exploração e imposição de valores eurocêntricos influenciou a construção de estereótipos prejudiciais. Essas raízes, ao longo do tempo, contribuíram para a manutenção de desigualdades estruturais em áreas como emprego, educação e acesso à saúde.

O estabelecimento desses padrões não apenas afeta a estética individual, mas também restringe oportunidades sociais e profissionais para comunidades diversas. Explorado a pressão

para conformidade como um elemento limitante, ressaltando a necessidade de desafiar preconceitos enraizados e criar um ambiente inclusivo.

Promovendo a compreensão das inter-relações complexas entre racismo, colonialismo e padrões de beleza hegemônicos, destacando a importância de quebrar padrões, fomentar a inclusão e celebrar a beleza da diversidade. Ao longo do trabalho, possui abordagens sobre as desigualdades estruturais, os impactos na saúde mental e física, a marginalização e exclusão social, a influência na autoimagem, a perpetuação de estereótipos e a limitação de oportunidades.

Além disso, foi ressaltado que a educação, representatividade positiva e diálogo aberto são ferramentas fundamentais na luta contra esses desafios. O trabalho foi concluído, sublinhando que a compreensão das raízes do racismo e do colonialismo é crucial para desvelar a gênese desses padrões, e o esforço contínuo para desafiar preconceitos, quebrar padrões e promover a igualdade é vital na busca por um futuro equitativo e unificado, onde diversas expressões de beleza são reconhecidas como iguais e valorizadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA,S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6.

ALMEIDA, Silvio Luiz De. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BALDISSERA, Olivia. Como os padrões de beleza afetam a sociedade. Blog PUCPR digital, 2022.

BANDEIRA, Miguel Jeronimo, 2016: Livros Brancos, Almas Negras: A «Missão Civilizadora» do Colonialismo Português (c. 1870-1930), Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 305 p, ISBN: 978-972-671-256-5

BATISTA, Waleska Miguel.. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. Revista Direito e Práxis [online]. 2018, v. 9, n. 4 [Acessado 14 Janeiro 2024], pp. 2581-2589. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36867>>. Epub Oct-Dec 2018. ISSN 2179-8966. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36867>.

BENJAMIN, Emanuely.. Economia da beleza: a lucratividade por trás do ‘corpo’ ideal, Agência universitária de notícias, 2023

BUSS, Juliana e STOLTZ Tania.. PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE PADRÕES DE BELEZA. Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2020, v. 24 [Acessado 9 novembro 2022], e210192. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392020210192>>. Epub 21 Ago. 2020. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020210192>.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e Formas. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000

DA SILVA, Paulo V. B., & ROSEMBERG, Fúlvia. (2008). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. Em Dijk, Teun A. V. Racismo e discurso na América Latina (pp. 73-118). São Paulo: Contexto.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: UnB, 2003.

FALCÃO, Francine e LANGARO, Fabiola. “A BELEZA DÓI”: OS EFEITOS DOS PADRÕES DE BELEZA HEGEMÔNICOS NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS/SC. Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16589/1/Artigo%20Francine.pdf>

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GENOVESE, E. D. (1983). Da Rebelião à Revolução. São Paulo, Global.

MELO, Filipe. O impacto do racismo na autoestima de pessoas pretas, 2022.

OLIVEIRA, Cardoso. Fairness and communication in small claims courts. Harvard University, 1989.

OLIVEIRA, Cardoso. Concepções de igualdade e (des) igualdades no Brasil: uma proposta de pesquisa. 2002.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. Racismo, direitos e cidadania. Estudos Avançados [online]. 2004, v. 18, n. 50 [Acessado 15 janeiro 2024], pp. 81-93. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100009>>. Epub 08 Ago 2008. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100009>.

PAIXÃO, Jairo Antônio da e LOPES, Maria de Fátima. Alterações corporais como fenômeno estético e identitário entre universitárias. In: **Saúde em Debate** [online]. 2014, v. 38, n. 101 [Acessado 7 novembro 2022], pp. 267-276. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140024>.

PASSOS, Joana. O racismo, a moda, e a diversificação dos padrões de beleza: o exemplo de Iman, top model Somali dos anos 70/80. Revista Estudos Feministas [online]. 2019, v. 27, n. 1 [Acessado 7 novembro 2022], e58981. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158981>>. Epub 01 Abr 2019. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158981>.

PINAR, William, F. Curriculum Theory since 1950, Crisis, Reconceptualization, Internationalization. In: CONNELLY, M., FANG, H.; PHILLION, J. (Eds.). The Sage handbook of curriculum and instruction. Los Angeles: Sage, 2008, p. 491-513.

PRADO JR., C. História econômica do Brasil. 42. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

QUEIROZ, Rafaela Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 12, n. 40, p. 213-229, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 22 de set. de 2023

SEGECS, Sheila Santos. "O racismo e os padrões de beleza". Grupo Cult, 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-racismo-e-os-padroes-de-beleza/>

SEMIS, Laís. Como o conceito de beleza se transformou ao longo dos séculos?, nova escola, 2014.

SILVA, Daniel Neves. "Tráfico negreiro"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/trafico-negreiro.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

SCHWARZ, L. M. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. Psicologia & Sociedade [online]. 2014, v. 26, n. 1 [Acessado 15 janeiro 2024], pp. 83-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>>. Epub 06 maio 2014. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>.

SOUZA, N. S. (1983). Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social (Vol. 4). Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.

VARELLA, Drauzio. Racismo, Artigo. 2014